

GOLDGRUB, Franklin. A culpa vai para a “última flor do Lácio”. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 08.abr.1989. Caderno 2, p.5

A CULPA VAI PARA A “ÚLTIMA FLOR DO LÁCIO”

Tradução, cilada eterna. A última do Lácio não parece ser flor que se cheire, pelo menos quando se trata de transplantar para o vernáculo certos espécimes obrigatórios da cultura ocidental. Nem as chamadas grandes obras escapam. A de Freud, infelizmente, não constitui exceção a deplorável regra.

Um dos méritos incontestáveis — realmente incontestável — da revolução lacaniana consistiu em demonstrar, justamente através das traduções, a deformação sofrida pela obra desse inventor de um espaço impossível entre a Medicina e a Filosofia chamado Sigmund Freud, na mão daqueles que preferiram polir suas arestas e reconduzi-la ao seguro porto das categorias médicas e/ou sociológicas. Hoje são mais do que conhecidas as razões pelas quais é preciso diferenciar claramente entre **pulsão e instinto, desejo e necessidade, prazer e satisfação**, bem como valorizar as distinções milimetricamente precisas inerentes a termos como **forclusão e renegação**.

Por essa via, incorreu-se também no exagero de fazer crer que toda a terminologia freudiana precisaria ser refletida, acabando por instaurar uma espécie de terrorismo semântico. Assim, aqueles que continuam usando "superego" em vez de "supereu" correm o risco de uma estigmatização por parte dos novos guardiões do templo freudiano, que adoram brandir sua versão das sagradas escrituras sobre a cabeça dos infiéis. Comparada ao brilho desse escaldante deserto xiita, a sobriedade talvez opaca de Laplanche e Pontalis constitui um verdadeiro oásis.

O problema da tradução da Imago situa-se em outro plano. Trata-se de incorreções expressas geralmente por numerosos erros banais que uma boa revisão teria evitado (e, portanto, facilmente detectáveis em uma leitura atenta), e, por outro lado, dizem respeito a certa deselegância de estilo, sobretudo lamentável quando lembramos que Freud foi, além do mais, um escritor realmente notável.

Quase qualquer um dos 23 volumes das obras completas, aberto ao acaso, pode demonstrá-lo.

Tomemos **Sobre a Psicoterapia**, um breve texto de dez páginas. Na página 269 do vol. VII, lê-se: "*Mas não seria mais apropriado dizer... que os meios morais (isto é, mentais) podem influenciar o lado moral de um homem?*". Entretanto, Freud está justamente argumentando no sentido oposto, criticando ou invertendo o clássico truísmo médico, para afirmar que o "moral" (mental, psíquico) pode perfeitamente influenciar o físico (orgânico, somático). Outro texto fácil sobre técnica psicanalítica (**Psicanálise Silvestre**, vol. XI das Obras Completas, pág. 207) ilustra como uma frase simples pode tornar-se ilegível: "*...primeiro, no entanto, suportemos uma restrição mental, que talvez possa não ser supérflua — em verdade assim esperamos*". No original, lê-se algo que poderia ser traduzido aproximadamente assim: "*...mas, previamente, farei uma advertência importante, que espero possa ser aplicada ao caso em questão*". Outro trecho brinda o leitor com mais uma confusão, que põe à prova a sua atenção e sagacidade: "*A necessidade e a privação sexuais constituem meramente um único fator em ação no mecanismo de neurose*", quando o correto seria: "*... constituem apenas **um dos fatores** em ação...*".

Se a iniciativa da Imago em colocar ao alcance do leitor brasileiro uma obra do porte da de Freud não pode senão suscitar elogios, é preciso continuar a advertir àqueles que começam a entrar em contato com seus textos sobre as dificuldades a serem enfrentadas por causa das deficiências da tradução e da revisão.